



v. 13, n. 26, Jul./Dez. 2022

DOSSIÊ: *Liberdade, democracia e negacionismos*

EDITORIAL

A DEMOCRACIA COMO UM FATOR DE INCÔMODO

João Carlos Lino Gomes*

Houve um tempo em que as boas almas pensavam que a democracia, a liberdade e a busca pelo conhecimento eram valores inabaláveis de uma civilização ocidental vitoriosa que tinha como obrigação moral levá-los até os rincões do planeta. Elas só não ficaram atentas o suficiente para o processo de exclusão de grupos humanos inteiros que, por não partilharem desses valores, foram despidos da sua humanidade e submetidos a tratamentos desumanos e degradantes. A luz da razão que tantas benesses trouxe para a cultura ocidental parece ter cegado os que se apoiavam na ideia de progresso e não só permitiu, como também justificou os (des)caminhos dessa ideia.

Mais ainda: não foi somente na relação com povos não europeus que a barbárie civilizada se abateu. Depois de um século (o século XIX) de relativa estabilidade e sem grandes conflitos bélicos, a Europa assistiu ao primeiro show de horrores sustentado pelos avanços da tecnologia materializado na Primeira Guerra mundial, que engolfou milhares de vidas numa tal matança que levou alguns generais (diante do horror de uma guerra que alguns acreditavam que iria durar pouco tempo) a afirmar que aquela era uma guerra que iria acabar com todas as guerras, mal sabendo que menos de trinta anos depois o mundo assistiria aterrorizado a mais um brutal ataque aos valores mais nobres produzidos pelo Ocidente, concretizado no horror dos campos de extermínio nazistas onde a eliminação de seres humanos foi racionalizada e sistematizada, não sendo, assim, fruto da loucura ou da perversão de alguns. O inaceitável é que os Estados europeus assistiram praticamente impassíveis à ascensão do nazifascismo, com o seu discurso de ódio e práticas violentas, coisas que por si

* Professor de Filosofia na PUC Minas, FAJE e ISTA. E-mail: joaoclino@hotmail.com.

mesmas mostravam uma ferrenha oposição aos ideais democráticos, que se constituiu pouco a pouco entre as duas guerras mundiais.

Assolado por duas guerras brutais e tentando criar proteções para que, em face do poderio atômico que se tornou uma realidade no final da Segunda Guerra mundial, um mínimo de estabilidade política no mundo se tornasse possível, novamente o Ocidente recorreu aos antigos valores da democracia, da liberdade e da razão que liberta por meio do conhecimento para constituir uma série de acordos que fosse um empecilho à sanha totalitária. Mas, dos problemas que ficaram sem solução com o fim da Segunda Guerra, um nos chama a atenção: a continuidade da submissão de milhares de pessoas nas colônias dominadas por vários países europeus que não se mostraram dispostos a permitir que essas colônias se tornassem livres e pudessem se autodeterminar tal como rezava a cartilha da civilizada Europa. Foi por meio da luta e do sangue que os colonizados conquistaram a sua libertação, e foram brutalmente combatidos com armas e técnicas desenvolvidas exatamente a partir das duas grandes guerras (e não podemos esquecer que muitos colonizados morreram lutando contra o nazifascismo nos exércitos coloniais, e vários sobreviventes foram tratados com hostilidade por seus próprios compatriotas, em função dessa participação nas forças das metrópoles, após a independência dos seus países). Enquanto isso, soldados negros eram tratados como cidadãos de segunda classe nas forças armadas norte-americanas, e a população negra, nos Estados Unidos, ainda lutava pelos seus direitos civis.

O descrito acima está longe de elencar a maioria dos elementos que, a nosso ver, separaram radicalmente a retórica democrática das democracias representativas que efetivamente se constituíram no mundo, mas aponta – de certa forma – para um contínuo esvaziamento dessas democracias que foram se tornando cada vez mais formais em um mundo já marcado pelo niilismo. Com o advento da era digital, as coisas não melhoraram. Em um primeiro momento, os Estados, com os seus serviços secretos, passaram a ter um maior poder para devassar a vida dos seus próprios cidadãos ao arrepio da própria lei. Mas o avanço das tecnologias digitais tornou possível que as corporações, particularmente as *big techs*, passassem a disputar e até mesmo ultrapassar o poder de vigilância do Estado em uma guerra de dados em que o objetivo último é vigiar para lucrar não propriamente pela incitação do desejo, mas pela promessa da satisfação deste.

No mundo cujas engrenagens não conhecem bem, as pessoas comuns vivem cada vez mais presas à sua vida privada, à realização das suas aspirações mais imediatas, e a democracia tem encontrado dificuldade de organizar um verdadeiro espaço comum onde, sem

simplesmente abrir mão da sua individualidade, as pessoas ainda consigam construir projetos coletivos a partir da consciência de que alguns dramas que ameaçam a própria sobrevivência do planeta não irão desaparecer depois de uma boa noite de sono.

Mas, apesar de todos os desafios postos para a democracia, ela curiosamente ainda funciona como um lugar de incômodo. Ditaduras justificam a sua própria bestialidade dizendo-se defensoras da democracia. Projetos de ditadores falam pelos quatro cantos que só agem dentro dos limites das constituições. E mesmo mentes mais formadas, mas avessas à real participação da população nas decisões políticas porque isto poderia afetar a lógica “perfeita” do mercado, defendem sem pudor uma democracia iliberal.

Esse lugar de incômodo representado pela democracia pode ser percebido no aumento cada vez mais expressivo pelas lutas em torno das questões de gênero, pelo avanço das pautas feministas e o desvelamento de um protagonismo das mulheres encoberto por uma história contada a partir de um passado de exclusão, pela reação enérgica de parcelas significativas da população contra ataques racistas etc., mesmo que as leis muitas vezes tenham dificuldade de traduzir na prática essas reações ao ódio que aparecem em várias situações cotidianas. Se não estamos no melhor dos mundos possíveis, o lugar do incômodo existe e ainda funciona como uma clareira aberta no meio de tanta ignorância, tanto desprezo pela busca da verdade e tanta naturalização da violência.

No Brasil, nos últimos quatro anos, tivemos a dramática experiência de ataques institucionais e extrainstitucionais à democracia. Foram destruídas instâncias de participação popular, foram coordenados ataques às pessoas e instituições que tinham como dever a manutenção da lei, havendo um claro esforço para a construção de uma sociedade criminosa (porque o Estado brasileiro nunca faltou ao seu papel de um necroestado que, sem constrangimento, tem sistematicamente protegido apenas os interesses dos poderosos), e tentou-se estabelecer uma cultura do ódio nascida de uma insana prepotência fundada no elogio da estupidez e da ignorância. Infelizmente não foi uma experiência isolada no mundo e, pelo que foi exposto acima, muita luta ainda nos espera nestes tempos estranhos.

O presente número da revista *Sapere aude*, de maneira especial nos artigos específicos do dossiê, se apresenta como elemento instigador para a reflexão sobre a *democracia*, a qual não vive sem a *liberdade*, tampouco se mantém com *negacionismos*. Portanto, para que a democracia perdure e faça valer a vida na suas pluralidade, duas coisas seriam

imprescindíveis: possibilitar a liberdade mediante a honestidade dialógica, e abandonar os negacionismos mediante pesquisas igualmente honestas, sempre *in fieri*.

O prof. Newton Bignotto, atento à série de movimentos de extrema-direita no panorama político internacional, indica teorias “que podem ajudar a compreender os fenômenos recentes, que mergulharam algumas democracias representativas numa crise de grandes proporções”. Mesmo que nenhuma das teorias apresentadas satisfaçam por completo a problemática, “o recurso a elas é essencial para a criação dos conceitos adequados”.

Por sua vez, o prof. Helton Adverse se debruça sobre *As origens do totalitarismo*, de Arendt, na tentativa de demonstrar a tese segundo a qual “o totalitarismo é uma forma de governo sem precedentes na história política”. Percorrendo os temas da superfluidade, do terror, da ideologia e da solidão, o autor pretende exaltar a originalidade da análise arendtiana.

A profa. Linlian traz no título do seu artigo exatamente o lema do dossiê, *Liberdade, democracia e negacionismo* e tem como objetivo “indicar de que modo a crise da democracia atual no Brasil, com a propagação de ódios, violências e *fake news*, pode deteriorar os horizontes da liberdade e soberania popular”. Somente na liberdade se poderá esperar por uma democracia participativa, paritária e plural, sem autoritarismos.

Por sua vez, o prof. Itamar reflete sobre *Informação e crise da democracia* a partir de uma correlação entre Christian Marazzi e Byung-Chul Han. Segundo Itamar, “há uma consonância entre os temas estudados pelos dois autores” que “levanta preocupações sobre o futuro da democracia”.

A profa. Cláudia, em sequência, aprofunda a reflexão segundo a qual a *democracia* se apresenta como *opção pela liberdade*. Democracia, “mais do que uma forma de governo, trata-se de um direito fundamental inalienável”, diz a professora. Se por um lado, é exigente ser livre, por outro é preciso “garantir uma educação para a liberdade capaz de nos tornar livres”.

Em seu artigo, o prof. Paulo defende “a importância da noção de verdade fatural para o debate público”, em especial, dialogando com Rorty Raws. Segundo Paulo, “não podemos separar as doutrinas abrangentes do debate público” no qual a noção de verdade fatural pode figurar, “contribuindo para combater informações mentirosas e notícias falsas”.

A profa. Nara Rela envereda seu artigo pelo caminho da economia e intenta investigar os fundamentos do *comportamento econômico*. O ponto de partida é o *homo oeconomicus* de Adam Smith, para cuja perspectiva o “ser econômico” é “influenciado pelas emoções e por questões éticas”: “a vaidade é apontada como a emoção que subjaz à busca da riqueza”.

O português Nivaldo Duarte estabelece para sua reflexão uma alternativa: *A liberdade encurralada ou as faces do totalitarismo*. Ele observa que as liberdades estão sendo “caladas, ora pelas diversas tecnologias mais avançadas que comunicam falsos acontecimentos, ora pelo silêncio das baionetas”. Seja como for, e de acordo com Jaspers, “liberdade é vã se não fizer referência à verdade da qual é originária e da qual se serve”.

Os animais não humanos sob o jugo do negacionismo climático oferecem lastro para a reflexão proposta por Marco Túlio. Segundo o autor, a compreensão da *Ecologia Integral* deve ser o ambiente propício para “ser humano se relacionar com a casa comum e com todos os seres e a atual crise climática, oferecendo, também, caminhos de mudança”.

Boa leitura a todos!